

“

SÓ GOSTARIA DE DIZER QUE NÃO HÁ MOTIVO
PARA TEMOR DO MERCADO OU DA SOCIEDADE

”

Carlos Kawall, secretário do Tesouro Nacional

5%

é a taxa de crescimento médio planejado
pelo governo para os próximos anos

NOVO GOVERNO

Presidente enquadra ministros para unificar discurso sobre os rumos da economia e estancar especulações no mercado. Reunião discutiu medidas para investimentos imediatos em infra-estrutura

Economia - Brasil

A bronca de Lula

71

SANDRO LIMA

DA EQUIPE DO CORREIO

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva reuniu ontem a equipe econômica com dois objetivos: acabar com as intriga e especulações sobre os rumos da economia no segundo mandato e discutir a adoção de medidas que assegurem o crescimento de 5% do PIB nos próximos anos. Na presença do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, e dos ministros da Casa Civil, Dilma Rousseff; da Fazenda, Guido Mantega; do Planejamento, Paulo Bernardo; e do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, Lula pediu o fim das brigas e das especulações em torno da condução da política econômica, reafirmando que quem manda é ele.

Lula ficou irritado com o lobby de Dilma Rousseff e Tarso Genro para a permanência de Guido Mantega na Fazenda e para a demissão de Meirelles do Banco Central. O presidente decidiu afinar o discurso da equipe econômica para evitar novas turbulências no mercado financeiro. Os ministros saíram calados da reunião. Coube ao governador eleito de Sergipe, Marcelo Déda (PT), que esteve ontem com Lula, passar o recado. "Os ministros têm o dever de colaborar colocando suas posições, mas quem define o rumo (da economia) é o presidente da República e ele já definiu que vai preservar a estabilidade fiscal, ter todo cuidado do mundo para garantir estabilidade econômica e deixar claro que a estabilidade não é uma finalidade em si, que precisa estar vinculada a projetos de crescimento econômico e de distribuição de renda", disse. Déda condenou as divergências públicas entre os ministros em torno da política econômica e afirmou que "é preciso ter claro que quem manda é o presidente".

"Era Palocci"

Tarso Genro já assimilou a diretriz de Lula e ontem mesmo mudou o discurso em relação à política econômica. Ele disse que merecia ter levado uma bronca do presidente Lula por ter declarado que a "era Palocci" iria aca-



MARCELO DÉDA ENCONTROU-SE COM LULA NO PALÁCIO DO PLANALTO E, NA SAÍDA, PASSOU O RECADÔ PARA A IMPRENSA: "É PRECISO TER CLARO QUE QUEM MANDA É O PRESIDENTE"

bar no segundo mandato, sugerindo uma guinada na política econômica. "Se o presidente tivesse me dado uma bronca seria bem dada", brincou. Genro evitou esticar a polêmica e afirmou: "Quando o presidente falou, se encerrou o assunto". Sob intenso ataque especulativo do PT, o presidente do Banco Central ganhou um elogio de Tarso Genro.

O ministro considerou correitas as declarações de Meirelles de que a inflação baixa foi um dos principais cabos eleitorais do presidente Lula. "Parte dos resultados eleitorais de Lula foi conquistada graças ao trabalho dele à frente da autoridade monetária. O Meirelles fez uma coisa muito sábia (sobre inflação). A baixa inflação valorizou a bolsa

do trabalhador", afirmou o ministro. Se no Palácio do Planalto, Lula trabalhava para apagar um incêndio, do outro lado da rua, no Congresso, mais uma fogueteira acesa para fritar Meirelles. Líder do PT na Câmara, Henrique Fontana (RS), defendeu ontem mudanças na política econômica para o segundo mandato.

Passado o recado, Lula abriu a

palavra e cada ministro fez uma explanação. Foram discutidas as perspectivas orçamentárias, ou seja, as sobras para investimentos imediatos, o ritmo da queda da taxa de juros e o controle dos gastos públicos. Lula quer manter a austeridade fiscal sem se descuidar dos investimentos em infra-estrutura e na área social. O governo estuda ampliar investi-

mentos no âmbito do Plano Piloto de Investimentos (PPI) para estimular o crescimento econômico. Sobre a CPMF, ainda não há consenso sobre a proposta do Ministério do Planejamento de tornar o tributo permanente, mas com alíquota declinante ao longo dos próximos anos.

(COLABOROU ANA MARIA CAMPOS)